



ONTEM E HOJE



O VELHO — No nosso tempo, Tia MARIA RITA, havia mais vergonha.

MARIA RITA — Ora, deixe lá, também havia muita imposturice. A gente de agora é mais franca: — Sabe que não tem vergonha, mas não se rala.

Propriedade da Empresa do Magazine "Civilização" L. da

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO

N.º 2 Pôrto, 30 de Abril de 1932 Ano I



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artistico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

A ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

É para o POVO a garantia de que
bebe bons VINHOS e baratos!!!

Tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos

14 ADEGAS:

Rua do Bomjardim, 361-363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Te'ef. 5617.

Rua das Fontainhas, 193-195.

Rua do Teatro de S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila).

Rua de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristovam). Te'ef. 5802.

Rua da Constituição, 1395.

Rua de S. Roque da Lameira, 2785.

Avenida Fernão de Magalhães, 53-55. Utelef. 2484.

Largo Campo Martires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria).

Largo Maternidade Julio Diniz, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).

Travessa da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores). Telef. 995.

Rua Anselmo Brancamp, 633.

Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

Na FOZ — Rua Senhora da Luz, 238-242. Telef. 314 — FOZ.

Em MATOZINHOS — Rua Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da
da Avenida Serpa Pinto). Telef. 275 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR
é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos,
a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA
de vinho autêntico velho do Porto!

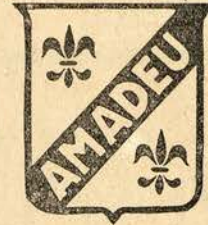
PINTO Camiseiro

Pintos há muitos na capoeira da
Vida, mas camiseiro, só há um

Enxovais
Camisaria

Rua dos Clerigos — PORTO

Teleg.: ADEU PORTO
GAIA



PBX 33 PORTO
Telef.: 133 Matozinhos

Amadeu Martins Pinto

— ESCRITÓRIOS: —
Rua General Torres, 1
VILA NOVA DE GAIA
(Portugal)

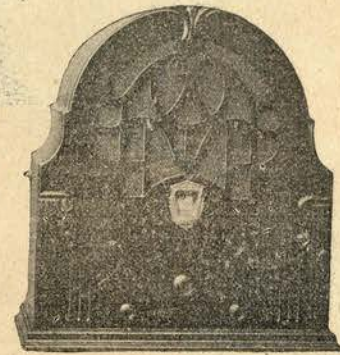
Prová-los é
preferi-los
sempre

VINHOS
AMADEU

Sabor
Aroma
Pureza

RÁDIO

TELEFONIA



V. Ex.^a está comprador de um receptor ou de qualquer
accessório para T. S. F.?

Recomendamos-lhe, no seu próprio interesse, não tome
qualquer resolução sem visitar a CASA FORTE, o maior
depósito de artigos de Rádio

As primeiras marcas americanas e europeias estão ao
dispor de V. Ex.^a aos melhores preços do mercado.

CASA FORTE

SÉDE — Rua Sá da Bandeira, 281

FILIAL — Rua Santa Catarina, 20

PORTO — Telefone 4111



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Tinha acabado de pegar na pena, para escrever a minha crónica, quando bateram discretamente na porta.

— Pode entrar — adverti.

Supus que fôsse qualquer dos empregados da Redacção. Mas enganei-me. Era uma senhora dos seus sessenta anos, vestida um pouco à antiga, de *mitaines* nos punhos e romeira de malha aos ombros, sobraçando uma sombrinha de ramagens, e grandes lunetas cavalgando o nariz aquilino. Faltavam-lhe alguns dentes na frente, como deixava transparecer o sorriso que trazia frexado. E cobria-lhe o lábio superior um bigode farto, que fazia inveja ao sr. Freitas Barros.

— E' vossa excelência o sr. Marcial Jordão? — perguntou.

— Um criado de vocelência.

— Em carne e osso? — insistiu ela, um pouco desconfiada.

— A carne é um inimigo da alma que anda divorciado do meu corpo. Se qualquer fera do sertão, não desfazendo em quem está presente, se desse ao trabalho de me devorar, poderia, depois da refeição, considerar-se em jejum natural.

Ela abriu a bôca num riso largo, — como se também me quisesse devorar.

— O sr. Marcial Jordão tem muita graça — comentou.

Semicerrei os olhos, modestamente, como a D. Lucília Simões quando agradece os aplausos do público. E respondi:

— Há quem diga isso, mas creia vocelência que é uma calúnia. Pelo menos, minha mulher afirma a quem a quere ouvir que eu sou um sensaborão.

— Niaguém é profeta na sua terra. E a verdade é que nós, as mulheres, temos a mania de nos queixarmos sempre dos maridos.

— Ainda bem que o reconhece. Vovelência é casada?

— Tenho essa felicidade.

Ergui os braços, entusiasmado.

— E' a primeira vez que ouço uma senhora casada exaltar o matrimónio! Depreendo dêsse facto que seu marido deve ser um anjo.

— Um vivo demónio, é que êle tem sido. Mas muito meu amigo. Lá isso, nunca me fal-

tou com coisa alguma. Só de há uns tempos para cá...

Fêz uma reticência. Depois, mudando de tom:

— Enfim, doutor, venho consultá-lo.

— Mas é ao médico, ou ao jornalista, que vocelência se dirige?

— A ambos. Li na sua crónica do número passado que um sábio americano descobrira as causas da velhice...

— Parece que sim. Se bem me recordo, attribue êle a decadência física à indisciplina das células do organismo.

— Exactamente. Ora eu, nestes últimos meses, tenho notado com desgosto que as células de meu marido tendem pavorosamente para a anarquia.

— Que idade tem êle, minha senhora?

— Perto de setenta anos.

— Nesse caso, é muito capaz de proclamar definitivamente a república social.

— Talvez... Ele sempre teve grandes tendências para a democracia pura. A-pesar-de ser fidalgo dos quatro costados. Pertenceu à *jeunesse dorée* do Pôrto. Bons tempos!

— Bons tempos! — repeti eu, como um eco. — Já não há hoje, no Pôrto, juventude dourada. Agora, doura-se a infância, e prega-se com ela na Avenida dos Aliados.

Fiz uma pausa. Depois, morto por me ver livre da interlocutora:

— Mas, ia vossa excelência dizendo que seu marido...

— ...Vai caindo na anarquia celular. E não obstante, ainda ontem o surpreendi a dar um beliscão à criada de sala. E hoje, quando foi lá a casa a brunideira, tentou beijá-la no corredor.

— No corredor?

— Exactamente. Que me diz a isto?

Meditei uns segundos antes de responder. E concluí:

— Digo-lhe que, pelos sintomas que vossa excelência descreve, se verifica que as células de seu marido gosam ainda de uma disciplina invejável. O desequilíbrio não está nas células dêle: está nas suas, minha senhora.

— Então, o que me aconselha?

— Que vá imediatamente vestir-se na Isaura Pinheiro, pelo último figurino. Passe depois por uma manicura que lhe envernize as unhas, e

perca uma tarde em qualquer consultório de beleza, a ondular o cabelo e pintar as faces, as pestanas, os lábios, etc. Dedique o dia seguinte a um homem que saiba de prótese dentária e lhe coloque os dentes que a cárie levou; e o dia seguinte a um maçagista que consiga enrijecer e levantar tudo quanto vossa excelência tenha flácido e caído. No outro dia...

Ela interrompeu:

— Mas dessa maneira, senhor Jordão, terei de perder os dias a saltar de estabelecimento em estabelecimento!

— E' o que fazem, hoje, as senhoras que, sendo velhas, pretendem ser novas, e, sendo feias, querem ser bonitas.

— Mas quem há de tratar-me da casa?

— As criadas. E' o que fazem actualmente, também, tôdas as senhoras que se prezam.

Ela teve um momento de hesitação.

— Não obstante, sinto um grande escrúpulo em seguir o seu conselho. As criadas a desperdiçar por um lado, eu a gastar pelo outro... Que grande desequilíbrio para o orçamento do meu *ménage*! Pobre de meu marido, que teria de arranjar mais um emprêgo! Não! Não farei isso.

Ergui-me, assombrado.

— Nesse caso, minha senhora, só lhe resta um recurso: requeira o divórcio, e vá...

— Para um convento?

— Não. Para um museu. Merece-o bem, pela raridade que representa. E' vossa excelência, desde a mãe Eva, a primeira mulher que pensa no equilíbrio do orçamento caseiro e nos sacrifícios do marido.

Quando ela se retirou, beijei-lhe a mão, cheio de respeito. Mas não pude eximir-me a um gesto de mau humor:

— Que maçadora! E eu morto por escrever a crónica!

.....
E só minutos depois reparei que a crónica estava feita.

E' verdade que não trata de *factos e prestações*. Mas versa um dos factos mais notáveis do Portugal contemporâneo.

Marcial JORDÃO.

Maneiras de compreender

Por mais voltas que lhe desse a D. Elisa Marranas, as criadas que tivesse iam-se embora zangadas, ao fim de poucas semanas. Culpa dela ou das criadas?

Para as poder conservar resolveu a velha, e bem, depois de muito pensar, ao ordenado aumentar... E dar-lhes roupa também.

E quando a veio servir uma nova môça, a Inês, disse-lhe assim: — Ouça bem! você vai ganhar por mês uma notinha de cem e sou eu que a vou vestir.

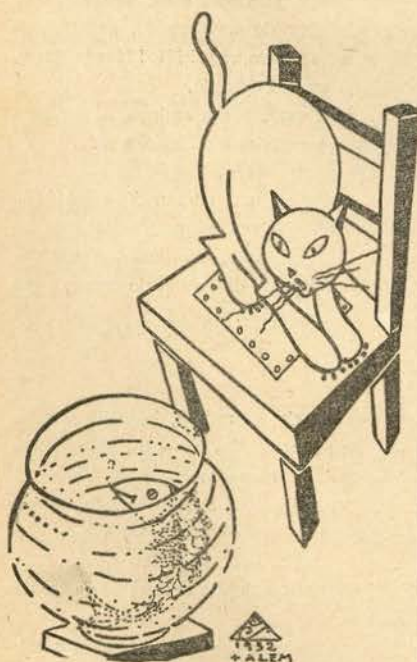
Na manhã seguinte, a velha a bufar, tôda zangada, já fartinha de a chamar, foi-se ao quarto da criada e encontrou-a a ressonar.

— É assim que tu começas o serviço? — disse irada — Já tão alto vai o dia e tu na cama deitada! Sois tôdas bem boas peças!

Responde a outra: — Essa agora! Farta estou eu de dormir! Estava à espera que a senhora me viesse cá vestir!

Dr. KX.

BELAS-ARTES



Natureza quási morta

(De Adalberto Sampaio).



A Arca de Noé

No ano 3000 antes de Cristo — 30 0 ou 2999 não me lembra bem — apareceu um homem que, como tantos outros, começou a dizer que o fim do mundo ia chegar. E' claro que ninguém o acreditou, o que foi uma grande coisa, e todos desataram a dissolver os costumes, tornando o amor mais livre do que uma revista, e os festins mais ruidosos do que um aparelho de rádio.

Um homem só acreditou que mais dia menos dia vinha aí tanta chuvinha que era um louvar a Deus. E foi verdade.

Noé, assim se chamava o barbaças que comeu a patranha, tinha filhos e andava às lebres pelo monte a pé — segundo afirma Junqueiro — o que faz muito bem ao reumatismo e muito mal às coitadinhas lebres que segundo consta nunca andaram aos Noés.

E como não encontrasse no seu fraco peito fôlego suficiente para estar debaixo de água mais do que duas horas e meia, resolveu construir uma barca muito grande onde coubessem todos os representantes do reino animal.

Assim fêz, com grande espanto da população ordeira que lhe quis deitar o fogo, o que êle impediu mostrando-lhes na lei o castigo para o crime de fogo pôsto. Pôsto isto, quando chegaram as vésperas da inundação mandou afixar placards nos sítios do costume para que se elegessem os reis e as rainhas de cada espécie de animais e marcando a hora da chegada.

Quando caíram as primeiras pingas, começaram a entrar na arca de Noé que já estava na água — é daí que vem o nome de arca de água — a praça 9 de Abril — os casais de bichos. Entrou primeiro um casal de sogras simbolizando a eterna união conjugal; depois um casal de delegados à Sociedade das Nações; e assim sucessivamente passando

pelos perus e pelas canárias; até que depois dos borrachos, entrou o casais dos Poveiros que foi acolhido pelo Noé com vivas provas de simpatia.

Fica aqui a calhar dizer que o Noé não gostava de água o que seria escusado visto que se defendia dela. Também entrou o casais Monteiro o que foi provocar confusão.

Cá fora a chuva era constante e tamborilava nos vidros: Sou eu... Sou eu...

E aquela amálgama de bicharia confraternizava associativamente e de tal maneira que o cão comia comida de urso do leão, a lampreia levava solha da pescada, e a cobra estendia os braços a um canário amarelo, de susto. Mais dias, e a chuva brr. E o vento Z Z Z E o Noé afrito porque lhe faltava alguma coisa.

Não sabia bem o que era, mas faltava. Ele bem se apalrava, mas nada; mandou chamar o bicho da conta que disse estar tudo certo. A certa altura a arca começou a meter água; e se não fôssem os bichos carpinteiros, a esta hora de-certo não existiríamos, o que era uma grande coisa.

Mas o Noé não estava bem. Os mantimentos iam escasseando e o boi passou a ser olhado como um animal de bem comer até que de repente ouviu-se o pôsto de T. S. F. dar sinal marcando a aproximação de um ser vivente.

Noé bateu na testa e disse assim: — Ora cá está o que me faltava: era a mensagem de Deus para me dizer que está terminado o dilúvio e que as águas vão começar a descer.

E retirou-se apressado para um canto onde duas cobras enroscadas desenhavam as seguintes letras: W. C.

Ao mesmo tempo entrava no salão a pombinha com o Ramos de Oliveira no bico.

José de ARTIMANHA.

CORNETA MUNDANA

Anos

Juntou na passada quarta-feira mais um aos muitos que tinha o distinto actor-cantor Sales Ribeiro.

Um grupo de marinheiros ofereceu-lhe um bouquet de orquídeas.

Tavares Valente

O valente caçador Tavares Já Citado, foi há dias procurado por uma

comissão de coelhos que lhe entregou uma mensagem de agradecimento pelo muito que o nosso querido amigo tem feito pelas suas preciosíssimas vidas.

Partidas e chegadas

Para Lisboa, onde tenciona demorar-se até amanhã, partiu hoje às 18,15 horas o rápido da tarde.

Chegou um par de galhêtas a sua Ex.^{ma} Espôsa o nosso amigo Bate Forte.



NAS BOCAS DO MUNDO

Música ao domicílio. A MARIA RITA entrevista as potentes emissoras portuguesas. Desde a Rádio Pôrto à Ideal Rádio com paragens obrigadas na Sonora e na Invicta.

O Pôrto, digam o que disserem e mintam o que quiserem, é e há-de sempre uma cidade enorme. E moderna, e vanguardista. Há sete anos já que possui uma estação emissora; há quatro que possui duas; e de repente zás: outras duas. E o portuense amigo, que há pouco tempo ainda tinha só a música da sua região, a Rabela, o S. João e o Santo Antoninho do Bonfim, passou a ter a música internacional canalizada para sua casa por intermédio dum antena sem fios.

E a MARIA RITA que não nasceu ontem, apesar-de ter nascido só hoje, não quer praticar a desconchavada indelicadeza de deixar de cumprimentar, ao nascer, os grandes Marconis da sua terra e os Edisons tripeiros. Começaremos pela ordem cronológica, sem ofensa para ninguém: Foi assim que chegamos ao

Rádio Pôrto

convenientemente numidos dum antídoto por causa do Arsénio, que fomos tomar de entrevista, penetramos no maravilhoso estúdio. Fomos recebidos por êle, dentro do seu *Bugatti* impermeável, em cujo *capot* se esplanava ainda o número 12 da última corrida do campo grande.

Dissemos ao que fomos: pouco mais do que cumprimentar a simpática firma e fazer votos para que o Rádio Pôrto, durasse tanto tempo como desejamos para a MARIA RITA.

Arsénio sorriu-se, curvou-se e declarou que essas coisas eram lá com o sócio Rodrigues. Ele lá estava; sempre no seu pôsto, intemerato entre as ondas, é cada vez mais sintonizado. Agradecemos e fomos para a

Sonora Rádio,

absolutamente apetrechados com uma arma, por causa dos simpatiquíssimos Lobos que a povoam. E como se trata dum pôsto emissor de sons e de palavras, levamos uma espingarda de carregar pela bôca.

Fomos recebidos pelo sócio Antero, que não é do Quental nem Figueiredo, mas que é da mesma forma gentil e amigo.

Recebeu-nos de braços abertos e mandou tocar o «Fausto». Isto é uma pecha da Sonora. Não há noite nenhuma em que nos discos não toque o Fausto; é que é êste o nome do seu *speaker*.

Depois fomos conversar para a sala da aparelhagem, onde soubemos que o dia tem 24 horas precisas... tôdas para se dar música aos queridos ouvintes e aos amados irmãos.

Antero Calheiros Lobo, por fim, confidenciou-nos que naquela casa são todos irmãos e muito ternos todos. E' um terno de Calheiros e outro terno de Oliveiras.

Agradecemos as informações e, como tínhamos dito, fomos para a

Ideal Rádio,

depois de nos termos vestidos impecavelmente de ponto em branco. Fomos recebidos pelo sr. J. Silva, todo de *Ponto azul* e muito cerimonioso. Ouçamo-lo:

— Tenho muito prazer em receber nesta casa um enviado especial da MARIA RITA, para me ouvir. Mas... não era necessário; eu falo todos os dias durante mais de cinco minutos ao microfone da minha estação-emissora, cuja marca especial é um galo ao natural. Depois foi-nos buscar o animalzinho que nós fêz crescer arroz na bôca. E continuou:

— E' êste galo que os meus auditores fazem o favor de ouvir, e cujo canto pode enfrentar sem medo o fado da Maria Alice.

E levantando-se à guiza de despedida.

— Agradeço a V. Ex.^a o favor de me ter ouvido durante estes cinco minutos. Agora tenho de fechar a estação, porque vai começar a radiar um outro pôsto.

Saímos e dirigimo-nos para a Rua de Santa Catarina, onde fica a

Invicta Rádio

Entramos numidos com os respectivos documentos, incluindo o inevitável *recépissé* e o indispensável certificado de origem. Mal tínhamos pôsto o pé dentro do *stand*, caímos nos fraternais braços do Henrique de Aguiar, despachante oficial por inclinação. Ao formularmos as perguntas da praxe fomos imediatamente interrompidos:

— Desculpe esta interferência, mas eu tenho entre dentes um despacho prévio: o Rádio é uma das grandes coisas desta vida. Comecei com isto nas horas vagas da alfândega; mas apaixonei-me, e o Ortélio Martins foi o culpado. agora emito, sem o imitar a êle. E' outro o compromisso de onda. Mas agora tenha paciência. Vou dar um salto à Alfândega; depois vou ao meu escritório à Rua do Almada; em seguida vou à minha casa da Rua do Ameal; e por último, se quiser, aqui me tem, disposto a dizer-lhe da minha justiça que a tenho sem dúvida nenhuma. Olhe, por favor, diga lá na MARIA RITA, que a emissão da Invicta Rádio é perfeita. Quanto à mão negra, não fale nisso por favor. E foi-se.

E assim fizemos também. Os nossos leitores radiófilos dirão o que entenderem.

Zê RIDENTE.

P. S. — Nesta secção fazem-se consultas sobre tudo o que se relacione com os elevadíssimos problemas de radiotelefonía. Perguntem, e verão. Dirigir a Zê Ridente.

De bico de encaixe

Quando um homem é solteiro
E' sempre um número inteiro.

Quando casa à desfilada
E' um par não tarda nada.

Antes de um mês de casado
Passou a ser um quebrado

E chegando ao nono mês
Nasceu a regra de três

Se nascem dois — Jesus Cristo!...
Temos nós um número mixto.

Se se enviúva no acto
Passa a ser número abstracto.

E se se casa outra vez
Acabou-se a matemática
P'ra ser uma estupidez
E uma falta de tática.

Zê GRACIA.

Perfis do Pôrto

II

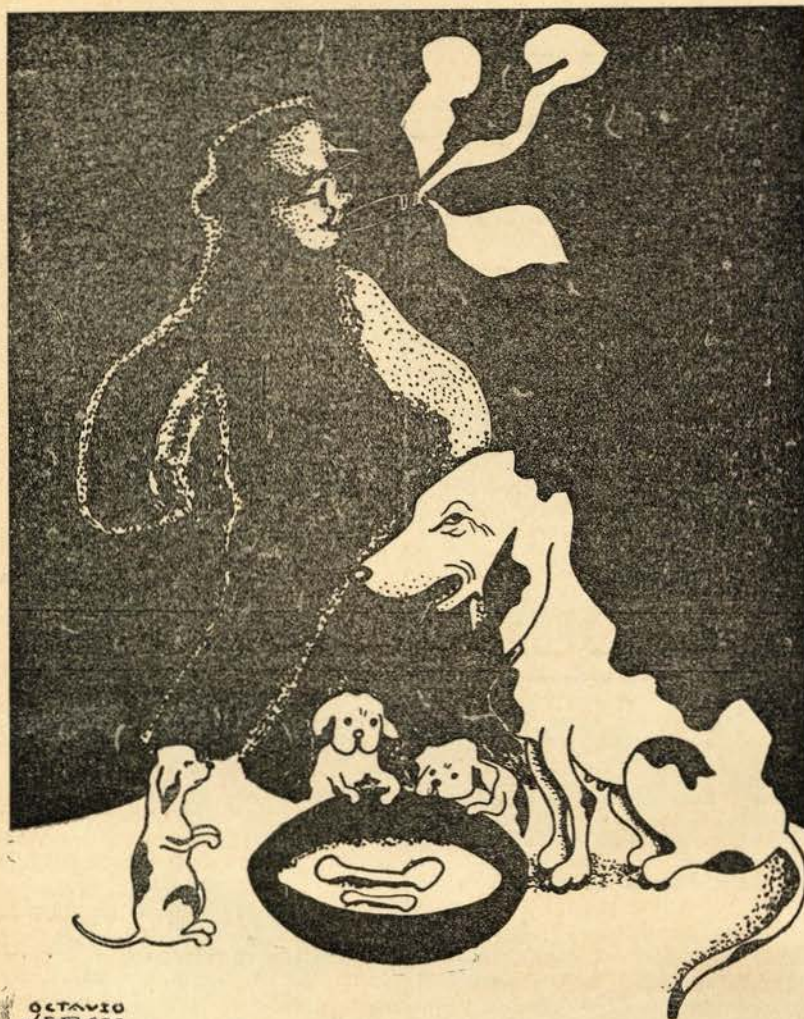


Se a crise é de cabeças, êste homem
podia salvar o país.

A VIDA E A MORTE

II

SUA MageSTADE



OCTAVIO
BIZARRO
-1929-

— Aprendeí a Vida, meus filhos! Nós somos os mais fiéis amigos de Sua Magestade o Rei dos Animais, mas êle come a carne e dá-nos os ossos. Ah! meus pequerruchos, um rei, mesmo de animais, é sempre um rei.

Os dois fantasmas

Há anos já que muito perseguido eu tenho andado por fantasmas maus — são dois vultos de enormes balandras que me seguem, me turbam o sentido.

Em vão de mim os tenho sacudido — nem com gestos, palavras ou callaus se desviam de mim os dois lacraus que bastante me teem afligido.

Ontem senti-me qualquer coisa forte — atravessava eu manso regato — e, ao vê-los, perguntei-lhes desta sorte:

— Venham cá vocês dois, mal não vos trato, olha lá, quem és tu? — «Eu sou a Morte» — e tu de lá quem és? — «Sou o Pingato» —.

Lino LEAL.

Na sala de pensar

A melhor forma de combater o aborrecimento, é a gente não chegar a aborrecer-se de estar aborrecido.

O nosso Custódio das Dores, o polícia mais secreto que os jornais nomeiam, declarou há dias o seguinte; perante os últimos erros judiciários: — a razão porque se não encontram fâcilmente os assassinos, é porque as vítimas não ajudam convenientemente a polícia para a sua descoberta.

Tôdas as histórias de amor teem um final qualquer. Umás acabam bem; outras num casamento.



Um pouco de história

Egas Monís

Egas Monís foi o primeiro comerciante falido que existiu no reino de Portugal. Foi no tempo de D. Afonso Henriques, se me recorda bem, aquele célebre homem que está em Guimarães e que usa um espadão maior do que um canhão.

Ora quando Egas Monís montou a loja, foi D. Afonso Henriques quem lhe emprestou o capital, que nessa bemdita era, era representado por confiança e boas palavras, como seja a palavra de honra e a palavra de rei não volta atrás. Depois de feita a escritura, o sócio capitalista veio tomar banhos de enxôfre para S. Pedro do Sul — lavava-se! — e o nosso Egas Monís abriu a loja, tendo a mulher como caixa e os filhos como marçanos.

Mas com tão pouca sorte que veio a crise e êle foi obrigado a fechar o tasco e a reunir credores. Ele podia, se quisesse, dizer que dava 30 % a três anos; mas não quis. E com aquele princípio de honestidade que todos lhe conhecemos, mandou vender os sapatos e os chapêus dos filhos e da mulher, e com o produto mandou comprar uma corda.

Depois disto, reuniu-os a todos e descalços, em cabelo e de corda ao pescoço, foram levar ao seu sócio as cabeças para êle se pagar.

D. Afonso Henriques, ao saber da triste nova ficou furioso de princípio e mandou buscar uma grande fôlha de lixa. Depois disse aos esbirros que raspassem nela as cabeças dos pais e dos rebentos. Assim se fêz, ao mesmo tempo que Afonso Henriques olhava com atenção. Mas de nenhuma delas rompeu a chama que indicasse o fôforo de ouro ou o que ri.

Desanimado, e vendo perdido o seu capital, resolveu então ser magnânimo, e restituiu as cabeças aos seus proprietários.

Por último, e depois de lhes pedir desculpa de os ter mandado lixar, lembrou-se de que a história estava com os olhos fitos nêles, e fêz-se magnânimo.

Foi assim que Egas Monís, e os seus rebentos, escaparam a uma morte certa, e é por isso que ainda hoje vivem, e são considerados honrados comerciantes.

J. d'A.

No baile



— Esperá-la-ei na esplanada do Castelo, ao soar das 11 badaladas menos cinco.

Rés-do-chão

Eudóxia e o seu Poeta

Paredes meias com minha prima Eudóxia — senhora fundamentalmente solteira desde o momento obstétrico em que a mãe a ejaculou para a luz — vive um Poeta magro, interessante e sumarento.

Ora, quando a hora desgrenhada da Inspiração tilinta, o referido Vate tem vivos académicos de desespero — e é vê-lo, em largas pernadas, a metrificar o cubículo onde o seu estro esvoaça como canário belga, esfarrapando adoravelmente a Gramática, alinhavando dísticos, produzindo hemistíquios, obrando acrósticos.

É nesse instante supremo que minha prima Eudóxia, pálida e loira, muito loira e tépida, sente dolorosamente a amargura de caminhar só pela existência, sem a esmola da comovida parrelha dum Poeta igual àquele, sem uma

pupila chamejante a acompanhar-lhe os passos quiçá vacilantes...

O Vate em questão grangeou na pia o nome de Anastácio Mendes e Sá — nome que êle arrasta corajosamente pela vida fora, sem um ranger de dentes nem um embaraço gástrico. E minha prima Eudóxia — virgem, três vezes virgem — embalada pelo desenho musical desses dois apelidos pomposos — Mendes e Sá — deixou-se prender inopinadamente pela conjunção bastante copulativa que separa o Mendes do Sá, e aquela tépida existência vestaliana e vegetariana — a pobre renunciara à carne, há muito já — transformou-se numa tortura latente, tão latente que até o seu pobre coração latia!

Minha prima Eudóxia ama, provando, assim, mais uma vez, a poderosa influência que os Vates exercem

sobre a alma feminina. Ama e escreve-nos, notificando-nos o seu próprio suicídio. O desalento invadiu-a, forçando-a a naufragar na vida. É uma mulher ao mar. — Que o líquido lhe seja leve!

E o Poeta magro, interessante e sumarento, continuará, imperturbável, a ulular o seu desespero de incompreendido, até que a Morte o canalize para o Olimpo onde a minha prima Eudóxia o aguarda — virgem, três vezes virgem...

Frei-SATAN.



Os mamíferos

Os mamíferos são aqueles animais que usam dentes de marfim ou de ouro velho.

Dividem-se em tantas categorias como os jogadores de *foot-ball*; mas as mais importantes são: os leitões, os herbívoros, os perissodáctilos e os guardas-republicanos. Há também as crianças, mas é só na primeira e na segunda infância, e desde os 15 até aos 60 anos.

O cavalo, que durante muitíssimos anos foi considerado um roedor, é actualmente considerado como uma raridade, e está portanto incluído na categoria dos objectos de luxo.

Mamífero, que vem do grego, quer dizer: que bebe leite; por isso a cobra é um mamífero porque engana as crianças com o rabo que lhes mete na bôca à laia de enganadeira.

Ultimamente, no vigésimo congresso de Zoologia, foi apresentada uma tese pedindo para incluir também o pinto na lista dos mamíferos. Não foi, porém, aceite a inclusão, a-pesar-da enorme quantidade de Pintos Leite que há no Pôrto.

O morcego é o mais fino de todos os mamíferos; tão fino que bebe azeite. É também, de todos o pior comportado, porque sai de noite e deixa a morcega sôzinha.

A leoa é também uma mamífera. (*Mamis fera*).

Os mamíferos são os únicos animais que choram. Lá diz o ditado: *Quem não chora, não mama*.

Há diversas espécies de leites; por exemplo: o leite condensado, que é tirado dos ursos polares; o leite antefélico, Marya!, que é uma delícia para a cútis, e o Leite de côco, que é um tipo que mora no largo da Picaria e não usa outra espécie de chapéu.

Além destes mamíferos, há outros...

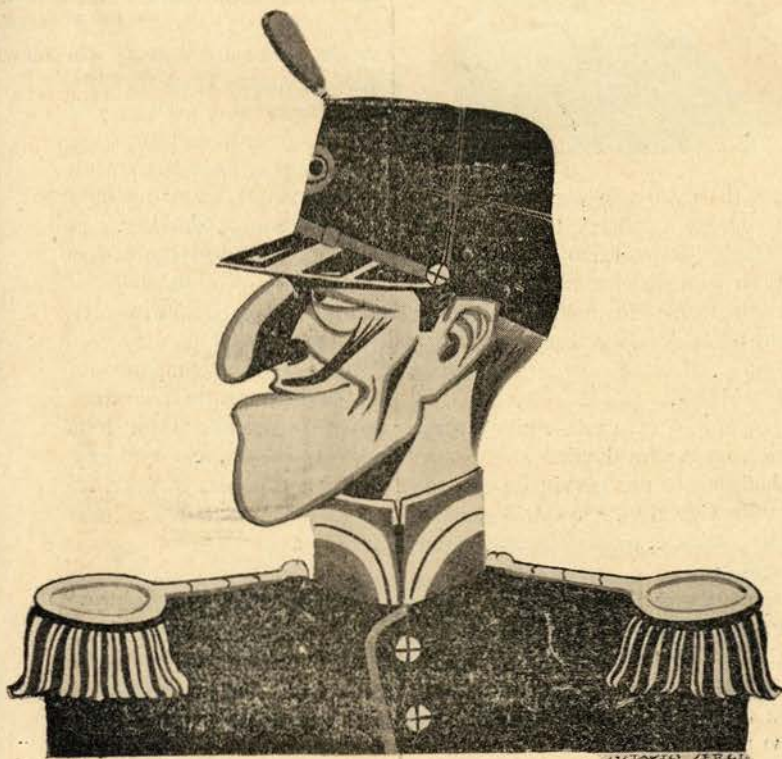
Zeca RAMÉ.



COROAS & CARTOLAS

II

AFONSO XIII...



... e último. E ainda dizem que o 13 não dá azar!

O OITAVO SALO AUTOMOVEL

“MARIA RITA” VAI ESCOLHER O SEU CARRO—O FUTURO OPEL—A NOITE DOS CHAUFFEURS E O DOS POLICIAS SINALEIROS



A MARIA RITA apesar dos pêlos que a sua cara comporta, é uma Senhora moderna. E como o seu modo de vida não a deixa ficar em casa a remendar as meias dos directores da gazeta ou a pontear a prosa do Sagacíssimus, resolveu, e muito bem, comprar um carro para se deslocar de lado para lado. E aqui teem V. Ex.^{as} a Maria Rita no

8.º Salão automóvel

O Palácio de Cristal parece outro; já não é de cristal, é de pano. E ficou muito mais bonito! E como é de automóveis a exposição e os automóveis teem cavalos, é o que se pode chamar um panegerico.

Logo à entrada, há uma casinha de fibrocimento, onde a gente pode ir buscar uns papelinhos para ler ou... deixar de ler. Depois... depois é aquilo que V. Ex.^{as} vão ver por aí abaixo.

Imediatamente fomos cercados pelos braços da felicidade, nas pessoas do



Ventura Júnior e do Fernando Barbedo, os habilíssimos architectos que deixam o Queiroz a pedir mais. Estranhámos não ver o Ventura J.^{or} vestido de *cow-boy*, mas o Barbedo explicou-nos que aquilo era para não espantar os cavalos. Virámos à esquerda e entramos no

Stand Citroën

onde fomos recebidos pelo próprio Vasco da Gama. Os nossos conheci-



mentos de história fizeram-nos falar sobre a viagem à Índia; e logo êle ali nos explicou que era certo terem feito o caminho pela via terrestre, depois de terem passado pelo deserto do Sahará, o centro da Africa e terem visto toda a Líbia. E ainda não perderam a cisma de ir à Alaska.

Deixamo-lo com esta vontade arreigada e fomos para diante.

Gentilmente nos serviu de cicerone o grande Carvalho, secretário geral da Câmara Sindical, que verbosamente nos apresentou.

De passagem tivemos ocasião de reparar que o António Joaquim (Escondidinho) fizera com os seus empregados uma bellissima orquestra, cujo maestro estava de óculos e com o *Atwater Kent* virado para cima.

Ao lado o Merino dos *Lancias*, queria vender peças sobrecelestes até para carros de bois.

Prosseguimos e entramos no palco. O órgão estava tapado com gasolina *Shell*, mas em compensação no

Stand Opel

o admirável Rocha Brito, expõe de tudo. É o que se pode chamar um expoente máximo. Carros com tôdas as rodas no chão, carros com os pés no ar, camionetas, midinetes e retratos do patrão.

Falamos-lhe no sucesso dos carros pequeninos, carros para uma pessoa só, e logo êle, ao lado do inseparável despachante Cândido Mota nos tornou.

— Ora, ora! Os Bébés, bem sei... Vocês verão dentro de uns meses o que a marca *Opel* lhes vai apresentar.

E apresentava-nos sorridente uma funcionária, de *smoking*, que não resistimos à tentação de reproduzir.

Depois abandonamos o palco com aquela saúde dos actores depois de 30 anos de *labor est*.

E sempre acompanhados do Carvalho, que nos desenhava o grandioso da festa dos *chauffeurs*, em que bastava uma simples carta de recomendação para ter entrada livre, e a

Parada dos sinaleiros

esses simpáticos condutores de gente que usam luvas brancas para que se lhe não conheçam os sinais.

Essa parada, no dizer dêle, foi qualquer coisa de formidável e há de ficar assinalada.

Dizendo e andando, entramos na sala Holandesa onde está o

Stand Ford

no qual o Cassaigne estava a cantar um tango mais martirizado que o Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os músicos, para os que instrumentos lhes não sujassem as calças, tinham uns aventais próprios.

Fomos então apresentados ao *Lincoln*, o carro presidente daquela sala, que estava inchadíssimo de vaidade com um bebé pela mão.

Era o célebre *Ford* pequenino que ainda não deu os primeiros passos pela sua mão. Tinha um biberão ao pescoço e já estava farto de levantar o *capot* e de abrir e fechar as portas e as luzes.

Nesta altura notamos que o nosso Octávio andava dum lado para o outro absolutamente arreliado.

Continuamos a revistar as diversas *carrosseries* que nos passavam ante os olhos, mas o Octávio não descansava; a um menino do Têrço, quer dizer um têrço de menino, que lhe oferecia um papel da *Preservatrice*, deu-lhe um encontro e respondeu abruptamente.

— Não quero isso. Não preciso, que eu ainda não apanhei o Meneres.

E realmente, foi um dos poucos expositores que não conseguiu caricaturar.

Que nos desculpe, o Sr. Meneres.

.....
Temos ainda de declarar

que nenhum carro nos foi oferecido, o que é lamentável.

Dos visitantes

Por lá viu MARIA RITA de todos os tipos. Altos, baixos, magros, gordos, novos e velhos e até crianças de peito! E é curioso que o nosso caricaturista, de lapis em punho, ia comentando:

Nunca na minha vida entrei em uma



exposição tão parecida com os visitantes!

Repara como aquela Senhora gorda se parece com um camião.

Uma inglesa de pernas altas, lembrava um Ford; um tipo pequenino, era tal qual um *bébé*, e a uma certa donzela de olhos aveludados, disparando luz que nem a inteligência do sr. António Cabreira, o nosso caricaturista de chapéu à banda, disse.

— Que linda *limousine*!

Mas o pai da referida carruagem de luxo, virou os olhos do avesso, tão furibundo, que MARIA RITA pegando no braço do nosso artista, disse.

— Vamos embora, que esta *reportagem* ainda acaba em *pane*.

E a verdade é que, palavras não eram ditas, a obesa metade do inventor da *limousine*, um horrível Ford dos antigos, desatou a tocar o *claxon* com tal fúria que foi preciso esconder redac-



tores e caricaturista debaixo das aba-loadas saias da MARIA RITA.

Do que a seguir viram os nossos argutos *reporteres* não damos conta por decoro.

À ULTIMA HORA

O audacioso rapto do “Bébé Ford,,

Chega-nos a notícia de que foi audaciosa e subrepticamente raptado o joven *bébé Ford*, que é ainda parente em linha curva do filho de Lindbergh.

Reina grande consternação na cidade e um nosso presado colega diário, vai fazer um número especial em que colaboram alguns escritores falecidos.

Camilo Castelo Branco enviou um soneto intitulado — *A maior dor humana*.





Da mulher, do amor e de alguns homens

Há homens que nasceram para mandar. Por isso o meu alfaiate se não cansa de me mandar a conta.

Porque é que sendo tôdas as costas banhadas pelo Oceano, duas Costas conheço eu que nunca tomaram banho?

Quando uma mulher põe os olhos no chão é para que nós a possamos percorrer à vontade com o olhar.

O casamento é uma sociedade constituída para a exploração do amor. O divórcio, a falência dessa sociedade. A mulher divorciada, uma falida. A-pesar-disso, a quanta falida o Banco do meu amor seria capaz de dar crédito.

Se o casamento é uma heroicidade, eu tenho sido um grande poltrão tôda a minha vida. Não se deve levar o heroísmo até ao suicídio!

Tendo sido a mulher feita de uma costela de Adão, de uma costela, que é osso, porque não por aí algumas tão carnudinhas, meu Deus?

Não há quem engorde tanto com o casamento? Por isso muitos, antes de casarem, deviam reparar na largura das portas da casa para onde vão viver.

(Pensamentos corrosivos, mas que não teem nada de sublimados).

Para certas pessoas, o cabelo serve para poderem dizer que teem alguma coisa na cabeça.

Muitas vezes tenho pensado onde se segurariam as lunetas se os rostos não tivessem nariz.

As nossas mulheres deviam nascer por geração espontânea. Poupava-se assim a praga das sogras.

O amor é a prisão de ventre da alma. Não há paixão que resista a trinta gramas de sulfato de sódio.

Nas mulheres, como nos automóveis, o que mais nos impressiona é a *carrosserie*. O motor, êsse pode ser mesmo a dois tempos.

Se ouvires uma mulher dizer: *amo-te!* pergunta-lhe como; se a táxi, se por corrida.

O casamento é, no circo da vida, o salto mortal com a música parada e a caixa a rufar. Felizes daqueles que o dão sem que a cabeça sofra com isso!

Doutor KNOX.

HA MAIS MARIAS . . .

Veio à nossa redacção, grave e circunspecta, infundindo respeito com seu bigode quási à americana, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Rita da Purificação, que em nome de si própria nos apresentou um veemente e histérico protesto contra o nosso caricaturista, pois que a virtuosa, robusta, anafada, quadrada e bestial senhora, pretende que a caricatura de MARIA RITA é uma insinuação tôrpe, porventura ignóbil ao seu físico vagamento químico.

A D. Purificaçãozinha, de olhos postos no chão, declarou-nos assazmente nervosa, ováricamente exaltada:

— Não sou pessoa que mereça galhofas! Sou séria, bem séria! Não o digo por estar eu aqui presente.



Se quiserem brincar, mal comparando, vão brincar c'o raio que os parta!

Não sou de risos! Entenda bem o senhor *caricaturista!*

Isso é bom p'ró Dr. Queiroz, que ainda por cima *le* tira o chapéu.

Baldadamente tentamos a justificação. A nossa inimiga deseja ser rectificada em público.

Porque está nas normas da lealdade jornalística e a isso nos obriga a lei de imprensa, declaramos que não tivemos o menor intuito de afender a mastôntica e pornográficamente virtuosa senhora.

Há mais Marias em Portugal, ainda que da Purificação!

Fique-o sabendo a abastada senhora.

O Sucesso da MARIA RITA

As saudações dos poetas portugueses

Os vates lusitanos receberam de lira engatilhada o primeiro número do nosso semanário.

A veia poética sangrou com as ampolas parnasianas da inspiração intra venosa.

Mas não foram só os vates que nos mimosearam com as suas produções geniais. As senhoras poetisas, as vatas, também nos enviaram através das suas rimas sonoras, as locubrações pindáricas das musas entusiastas, incensando a nossa querida MARIA RITA.

Silêncio! Tem a palavra o verso:

A minha musa é Maria,
E meu amor, à compita,
Vai desde a Maria Pia
Até à Maria Rita.

Júlio DANTAS.

Maria: comprei e li,
És gaiata e expedita,
Li e ri,
Ri, ri, ri...
Rita!

Afonso Lopes VIEIRA.

Maria Rita...
— Que bontio! —
Terei a dita?
És Rito,
Ou Rita?

Poeta SEVILHA.

Tôda a gente berra e grita,
Numa expansão d'alegria:
Maria e Rita?
Irrita?
Mas não m'irritas, Maria!

Teixeira de PASCOAIS.

Apasionadamente,
E dolorosamente,
Perdidamente!
Que lindo dia,
Ó desdita!
Maria! Maria!
Rita!
Doidamente,
Positivamente,
Trememente,
mente,
mente,
mente!

Virgínia VITORINO.

Marilaura! Marit'reza!
Marirosa! Marilita!
— O vosso jornal, meninos,
Devia ser «Maririta».

Aurora Jardim ARANHA.

Por cima da nossa secretária, aglomeram-se milhares de produções que não podemos publicar por absoluta falta de espaço.



Fôlhas de Alface

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Boa tarde. Cá estou... queres notícias, notícias frescas da minha terra... Porque não hei de dar-l'as?

Lisboa é uma grande horta, complicada, sem simetria, a 300 quilómetros da exemplar jardinagem do Moreira da Silva. Uma horta onde os próprios hortelões pertencem à reinação vegetal; onde a multidão se divide em bananas e abanados; onde muita gente faz muita cêra — que só é trabalho para as abelhas: onde se toma muito café porque há falta de chá; onde uma mulher bonita é uma beleza de hortaliça; onde se joga a « batalha naval » desde que as casas italianas desistiram de construir os navios; onde há medalhas que tem reversos dos dois lados; tudo é elogio, incoerente, inesperado; — e por isso mesmo divertidíssimo, mais vivo, mais humano, mais intenso. Não há nada tão trivial como semear um feijão e obter um feijoeiro. Na horta lisboeta — o trivial foi suprimido. Sucede muitas vezes que onde um bem intencionado semeia trigo — apanha a espiga de obter grão; grão de bico, muito bocado; grão na asa das suas ilusões.

Ora eu, vivo nessa horta, conscientemente, convictamente. Não moro na Rua da Horta Sêca.

E tal qual como Semirâmides te mandaria orquídeas raras — se os seus jardins da Babilónia não estivessem suspensos, devido à crise — mandar-te-ei do melhor jeito o que tenho à mão. Hesitei. Um raminho de salsa? Espinafres? Rabanetes? Limão azêdo — que é tão saudável? Sim. Pode ser que te mande de tudo um pouco... A vestir o ramo — e a formá-lo, quando não tiver melhor — irão porém estas fôlhas de alface. Aqui tens a primeira. Confesso que, para um alfacinha — o meu gesto tem suas semelhanças com o do pelicano...

Gostava de poder contar-te, cada semana, a nota dominante do nosso viver. E isso farei. Mas prepara-te... Há semanas inteiras sem uma nota — neste século do desemprego. Semanas que são uma nota pegada — insusceptível de se trocar em miúdos. Semanas de má nota que são um concerto de fífias — de fífias sem concerto. Não esperes de mim um grande equilíbrio, uma ponderada e calma narrativa semanal. Serão cartas — cartas na mesa de escrever. Vivemos numa hora em que diminua a frequência do facto histórico — na mesma proporção em que aumenta a do facto histórico; deve morrer breve o artigo de fundo; — e só o comentário é imortal.

Um destes dias, tive, na Baixa, uma sensação forte.

Tu conheces a Baixa. É um xadrez de ruas apertadas em que o grande comércio — com todos os seus ramos — assentou arraias por vontade e alvenaria do Marquês de Pombal. A porfia, os Bancos, assentos felizes de onde os magnates falam de cadeira — trataram de construir fachadas aparatosas e caras, que ninguém vê porque as ruas são estreitas. Um tem no 1.º andar grandes bocarras de leão. Outros mostrariam, a quem se deitasse na rua, carrancas de cimento alteroso, flores de estuque petrificado, mármore custosos, largos primores de construção civil.

Quando há poucos meses passou a ser moda falar da crise, a gente passava pela Baixa e sentia, naqueles sumptuosos pulmões, o respirar penoso, o agónico arquejar, de uma civilização enferma. Está claro que o sentia apenas com a imaginação. Mas havia remores, zum-zuns duvi-

dos. E havia corridas aos Bancos, que são o grande desporto dos capitalistas. (Em geral o capitalista só corre quando sente um calo agravar-se no pé de meia; por isso *uma corrida a um Banco* — é um Banco cheio de gente parada; nem Santo António a corre de ali sem o seu di-nheiro).

A Baixa — era a Baixa da libra, era a anciedade, era a inquietação, era o coração da cidade com uma lesão cardíaca, era o negrume de tódas as incertezas alinhado em arruamentos.

E de repente, um destes dias, reparei no Banco Pinto & Sotto Mayor. Um raio de sol primavera caía de alto, manso e tépido. Erguendo os olhos, via-se lá em cima apertada entre os telhados, uma rua do Oiro, azul, profunda, sem electricos: — era o céu. E a fachada do Banco, — há pouco despida de uma alta camisa de tapumes, mostrava ao céu, ao sol e às gentes uma face mosqueada de cantarias novas, — e côr de rosa, côr de rosa, como rubor de virgem, como bochecha de actriz, como poente romântico... Parei. Esbarraram comigo transeúntes apressados. Passaram por mim veiculos roncantes. Continuí parado. Não era alucinação nem miragem.

Lá está, que se 'pode ver. Háfneste momento, no mundo, na Europa, em Portugal, em Lisboa — um Banco que tem a coragem optimista de ser indiscutivelmente côr de rosa. Se os meus cotões de bolso me deixassem curar de cotações de Bôlsa — seria a esse rosado futuro que eu me entregaria, cegamente. Com aquela fachada genial, por força o dividendo será também côr de rosa... Ali, a vil pecúnia deve ter um perfume suave; as cedulas são pétalas... Tenho a certeza de que os empregados, quando contam massas de notas, dizem só: — «mal me queres... bem me queres... — E oxalá seja sempre — Muito!

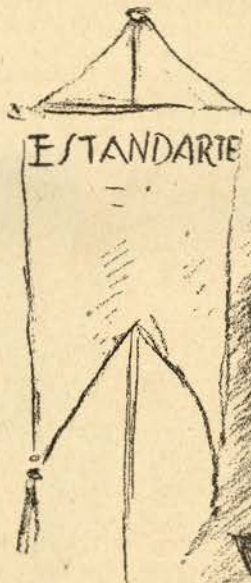
Aqui tens, por hoje, Maria Rita. Uma impressão financeira, afinal. Não dirás que não sou um homem moderno!

Accêta estas fôlhas de alface; — não as guardes no bolso, porque murcham, e não o enriquecem; — guarda-as no coração. Talvez o ajudem a cantar — como um grilo.

Tomaz Ribeiro COLAÇO.



PANO ABAIXO



UCTAVIO
SERGIO

O Sr. António Ferro e o seu estandarte... que uma gralha tipográfica converteu em estenderete.



Para o Mote:

*Ressurge a MARIA RITA,
a tal que morreu a rir!*

Recebemos as seguintes

GLOSAS

Todo o rapazio grita,
mal vemos luzir a aurora,
por ruas e bêcos fora:
—*Ressurge a Maria Rita!*
Fôsse vivo o Costa Apita,
flor na lapela a luzir,
e vê-lo-famos ir,
pressuroso, ali à preta,
comprar a nossa gazeta,
a tal que morreu a rir!

ZARATRUSTA.

Menos feijão na marmita
Pr'a poupar mais um escudo
Já que depois disto tudo
Ressurge a Maria Rita!
Eu julgo que não é fita
O sinal de ressurgir
Nem que tenha de pedir
À volta de todo o mundo.
Quero conhecer a fundo
A tal que rebentou a rir

Piro—RITA.

A Dona Eugénia Mesquita,
mal o viu já de ôlho aberto,
grita ao marido:—«ó Alberto!
Ressurge a Maria Rita!»
O homem julga que é fita,
princiando-a a zurzir,
e diz-lhe:— «Vai-te despir!
«Menina, não me consuma!
«MARIA RITA há só uma:
«*A tal que morreu a rir!*»

NECA.

—Palavra que não é fita?
Temos jornal de mão-cheia?
—Homem, veja, apalpe leia!
Ressurge a Maria Rita!
Vários jovens, à compita,
p'ra que possamos sorrir,
vão-nos dar graça, até ir
tudo para a campa fria,
como a célebre Maria,
a tal que morreu a rir!

P. L. M.

Com sua saia de chita
e as cangalhas no nariz,
muito risonha e feliz,
Ressurge a Maria Rita.
O Sérgio fê-la catita,
o Leite a pôs a bulir,
e Artimanha, p'ra a ouvir,
mandou-a para o Carvalho
que fêz, com pouco trabalho,
a tal que morreu a rir!

R. J. (TONISCA).

Tôda esta vida é uma fita,
Mas uma fita de truz;
E p'r'ajudar nossa cruz
Ressurge a Maria Rita!
Mitigar nossa desdita
Quer ela, e com seu sorrir
A alegria há de subir,
Porque ela é, como aquela,
A enesquecida donzela,
A tal que morreu a rir!

BAR.

Um dia teve a desdita
De morrer!... Stava previsto!...
Mas, por artes de Mefisto,
Ressurge a Maria Rita!
Se ao menos fôsse bonita,
Podia a fita seguir,
Para o leitor não cair
No tédio!... Mas, feia, assim,
Não nos faz rir, quanto a mim,
A tal que morreu a rir!!...

Alfredo Cunha (RAZA).

*

Mote a concurso para o próximo número,—o mesmo, para variar:

*Ressurge a MARIA RITA
a tal que morreu a rir!*

(Este mote tem de ser glosado em décimas, cujas, embora relaxadas, tem de transpor os umbrais desta redacção até Terça-feira).



— Ó Avô, o que quere dizer Política?
— Seu estúpido! Já lhe tenho dito que se não dizem palavras feias.

Quem é?

Já foi o senhor do *Mundo*, mas hoje — ó Pátria mesquinha! — vive em Paris, com a pèra tôda de neve, branquinha...

A-pesar-de ser avô, conserva a esp'rança e fé. E, para espalhar tristezas, freqüenta o «Perroquet».

FERVIDO.

Anexim

Chega a casa com vontade de comer, o Rui Beleza. Vê só vinho e pão na mesa. — Há só isto, na verdade?

— Se a «larica» te consome, — diz-lhe a mulher — come pão; porque, lá diz o rifão: «.....» (?)

BATRÁQUIO.

Adivinha

Decifrações do último número: *Quem é?* António Borges — *Adivinha:* A — *Anexim:* Quem muito fala, pouco acerta. *Matadores:* — Rei dos Borlistas, Gabini II, Tónio, Micaela, Niza, Zaravanzan Júnior, Rei do Orco, Maria Pèra.

O nosso 1.º número

Dificuldades que surgem sempre em empreendimentos de esta natureza, não permitiram que o primeiro número da MARIA RITA saísse como tanto desejavam os seus directores e particularmente o director artístico. Ainda no presente número somos forçados a empregar um papel que não é o que temos encomendado para o nosso jornal.

Também a impressão safu um tanto empastada.

Creiam, porém, os nossos amigos, assinantes e leitores, que êsses males serão prontamente remediados.

Referiram-se com palavras elogiosas que muito e muito agradecemos, os nossos prezados colegas, *O Século, Jornal de Notícias, Primeiro de Janeiro e A Montanha*, aos quais MARIA RITA a-pesar-de feia, pede licença para oscular.

Quis também o nosso distinto e velho amigo sr. Alfredo Garcia Vieira, illustre chefe da redacção do *Comércio do Pôrto* ter a extrema gentileza de nos enviar um cartão de felicitações, o que muito nos penhorou.

A todos, muito e muito obrigado.



Os dois gémeos

A mulher do Estanislau teve dois gémeos. E o marido para também ter alguma coisa, teve uma grande arrelia quando se viu pai em duplicado, não se contendo que não exclamasse:—Eu logo vi que com tantos gemidos haviam de sair gémeos!

Os dois rebentos a-pesar-de terem chegado no mesmo combóio, no mesmo dia e no mesmo compartimento, eram de génios diametralmente opostos, de ideias diversas e de diferente construção.

O mais velho, o Serapião, era um edificio sólido, de cimento armado e vigas de ferro T. O Juquinha, mais novo um minuto que o irmão, parecia feito de algodão em rama e de papel de sêda humedecido com água de flor de laranja.

Eram a arrelia do pai e o inferno da mãe, que chegou a duvidar da gemada, — a-pesar-de ter sido obrigada a assistir ao acontecimento, — tal a disparidade que entre êles existia, sendo a completa antítese um do outro.

Cada um tinha a sua mania. Serapião, a dos aumentativos e o Juquinha, é claro, para estar em desacôrdo, não falava senão em diminutivos.

A pobre mãe ralava-se para os acalmar e para esconder do infeliz Estanislau as desavenças constantes e os conflitos diários, que circulavam de tal forma pela visinhança e por tôda a cidade que já lhe chamavam conflitos diários de grande circulação.

*
* * *

Foram crescendo e cada vez mais a desigualdade entre os dois se acentuava, sobretudo no fatal pomo de discórdia: os aumentativos e os diminutivos.

A madame Estanislau bem procu-

rava manter o equilíbrio, entre os «ões» do Serapião e os «inhas» do Juquinha, mas era trabalho baldado!

Se dizia que tinha sardas na cara, logo um berava: *sardões, sardões, sardões!* enquanto o outro choramingava: *sardinhas, sardinhas, sardinhas!*

Se o pai queria ouvir uma trova, explodia um *trovão* do Serapião; se queria partir para faro, surgia o Juquinha a arrelia-lo com a *farinha* e quando se queria deitar na cama, não sabia por qual optar, se estender-se no *camão* dum, ou ir no combóio meter-se na *caminha* do outro, pela linha do Minho acima.

O Juquinha, então, era insuportável com a sua mania. Uma vez, ao almôço, em vez de temperar com vinagre o bacalhau cosido com todos, deitou-lhe *vinagrinho*, o que deu em resultado andar três dias a espirrar espinhas, ovos cozidos e barbatanas!

Êste duelo entre os «ões» e os «inhas» havia de acabar mal.

Ontem ao chegar a casa, o Estanislau contou que vinha tarde porque lhe tinha rebentado a câmara de ar do automóvel. Ele a falar em câmara, e logo o Juquinha, todo esgançado: *camarinha, camarinha, camarinha*, e o irmão a acompanhar com voz de baixo: *cama, rão, camarão, camarão!*

O pai resolveu ter uma apoplexia e ficou às portas da morte, à espera de uma borla para entrar.

Veio o médico. Torceu-lhe o nariz. E enquanto a espôsa gemia: ai, que êle morre, morre, morre, o Serapião, olhando para o pavio da vela de cêra gritava: *morrão, morrão, morrão*, e o Juquinha, com os olhos fitos no gato que ronronava aos pés do leito do moribundo, ciciava entre soluços: *morrinha, morrinha, morrinha...*

LEIDOAR.

Transcrição

O nosso colega «A Voz» de Lisboa, referindo-se ao nosso jornal, transcreveu uma parte da crónica do nosso querido colaborador Marcial Jordão.

MARIA RITA há 50 anos

Faz hoje precisamente 50 anos que ainda se não publicava êste conceituado jornal.

A Chagada

Lamego, 29 — Continuam os repuxos de sangue.

A Câmara Municipal encarregou um engenheiro de estudar a canalização sanguínea, em vista da abundância.

Há já uma companhia espanhola que se propõe explorar o manancial, que a ter o débito que os técnicos esperam, dará para a irrigação de todos os campos incultos, inclusivé o sacristão da freguesia, que é Campos também.

Os Campos da casa protestam.



COISAS DE FORA

Boletim financeiro

Da Conferência do Desarmamento deve, se não houver erro de caixa ou fuga de gás, resultar a mais inefável e encantadora Paz que, desde que o Mundo é mundo e Mahomet o seu Profeta, tem ensangüentado o orbe muitíssimo terráqueo.

Tardieu visita Genebra. Ora, a ida à bebida do insigne e aplaudido estadista, abalou profundamente, até aos alicerces, os espíritos dados ao uso imoral dos gases químicos e seus derivados. E se a S. D. N. — agremiação desportiva de largo alcance social, pedagógico e porventura agrícola; compreende que é chegada a hora da cobrança das respectivas cotas, por sua vez, em Paris, nos meios psíquicos e anormais, Mac Donald apoia a moção Simon, valorizando

o creme do mesmo nome. Isto é: A redução qualitativa de armamento é um facto consumado que entrou em franca convalescença. E os Países Baixos, como sempre invisíveis a olho nu, exultam, preconizando a constituição



O automobilista — Bem, para que o senhor não diga que entramos sem fazer despesa, traga lá dois cafés.

de uma comissão venatória ao alcance de todos os movimentos centrífugos das grandes potências europeias.

Ar em ladrilhos

Berlim, 28 — Herr Wendler, da Academia das Ciências de Berlim, apresentou, ontem, a esta douta agremiação, alguns ladrilhos de ar — preparado a que deu o nome de "oxizeitungladrilhimenrapatzwendler".

O ar em ladrilhos substitui, com vantagem, os balões de oxigénio, por ser muito portátil e inodoro. — H.

Pavoroso incêndio

Saragoça, 27 — Num dos bairros excêntricos desta cidade, um grande incêndio acaba de destruir em parte, um bairro destinado às viúvas e órfãos dos sinistrados em desastres de automóvel. — H.

Ainda Lindbergh

Nova York, 24 — O rapto do infante suavíssimo do célebre A's, continua no mesmo pé, o que é um pé para os misteriosos sequestradores exigirem um maior resgate pelo rebento filial de Lindbergh. — H.

Borrachos



— Vê estas duas garrafas?
— Vejo! Mas isto para nós os três não chega a nada!

Lord SPEECH.

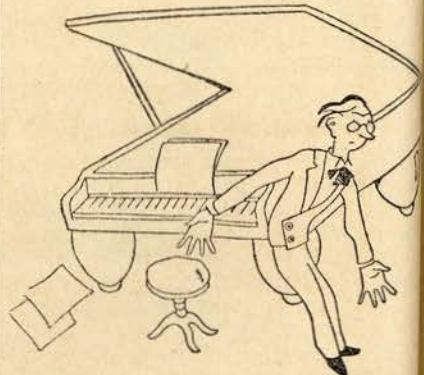
POR ESSE MUNDO

Um novo Landrú?

Nápoles, 27 — Tendo, ultimamente, desaparecido do convívio de suas respectivas famílias, algumas senhoras de idade e fortuna avançadas, ignorando-se, até hoje, o seu paradeiro, a Polícia conjectura tratar-se de um novo Landrú, aconselhando prudência a todas as viúvas saudáveis napolitanas.

Foram presos já, como medida preventiva, trinta e dois cavalheiros sexagenários e calvos, tendo as autoridades escolhido de preferência os portadores de barbas. — H.

Recital



E agora V. Ex.^{as} farão o favor de me dizer que contas hei-de dar a minha mulher? Faltaram as batatas do costume...



O rato das Sabinas

Tragédia curta, como as novelas espanholas

ACTO I

(No «hall» de um hotel de 3.^a classe, em Campanhã. À direita, o púlpito do porteiro. Ao fundo, as escadas que sobem para os andares superiores. Na igreja do Bomfim batem, téticamente, as doze badaladas da meia-noite. Chegam duas senhoras idosas, horrendamente feias, trajando o mais provincianamente que seja possível. Precede-as o corretor, sobraçando duas malas de mão).

O CORRETOR — Quer-se um quarto para estas senhoras.

O PORTEIRO — Não sei se haverá. Está tudo à cunha... O rápido de Lisboa veio atrasado, e o combóio do Douro não esperou por êle...

UMA DAS VELHAS, muito espavitada — Pois é por isso mesmo que nós cá vimos dormir. Partiremos no correio da manhã.

O PORTEIRO, que tem estado a folhear um livro — Só tenho o quarto n.º 13. E teem que dormir juntas.

A OUTRA VELHA — 13! Número aziago! Credo! T'arrenego!

O PORTEIRO, com ares de espírito forte — Que importa o número? Em qualquer parte se passa bem uma noite, desde que haja sono.

A PRIMEIRA VELHA — É que nós somos muito nervosas. Qualquer coisa nos incomoda. Só a ideia de que vamos ficar no 13...

O PORTEIRO — Pois não há outro. É pegar ou largar.

A SEGUNDA VELHA — Se não há remédio... E diga-me, ao menos: é sossegado, o quarto?

O CORRETOR, que poisou as malas



— Lá por isso fico eu. É um quarto interior, onde não há o menor barulho. Vão dormir santamente.

A PRIMEIRA VELHA — Nesse caso, vamos lá.

O PORTEIRO — Fazem o favor de me dizer ós seus nomes?

A SEGUNDA VELHA — Eu, Augusta Sabina. Minha irmã, Pulquéria Sabina. De Fornos de Algodres...

O PORTEIRO, por entre os dentes — Isso vê-se.

A VELHA, continuando — ...Ambas solteiras.

O CORRETOR, para os seus botões — Também se vê. (Torna a pegar nas malas, e sobe as escadas atrás das velhas).

ACTO II

(Um quarto que parece metade de uma boceta. A cama e o lavatório repoisam no chão. As cadeiras, por já não haver espaço para elas, estão dependuradas pelos cabides. Paira em todo o pequeno aposento um forte cheiro a estrugido. Vem da cozinha, que fica por baixo. Uma da noite. As duas irmãs dormem profundamente. De súbito uma de elas mexe-se, desperta, e senta-se no leito).

AUGUSTA, em voz baixa — Pulquéria! Mana Pulquéria! (Sacode-a).

PULQUÉRIA — Ahn? Que foi?

AUGUSTA — Fale mais baixo! Desculpe-me acordá-la, mas senti um ruído... E ainda o sinto. Não ouve?

O RUÍDO — Terrac... Terrac... Terrac...

PULQUÉRIA — Serão gatunos a arrombar a porta? Valha-nos Deus!

AUGUSTA — Espere... Parou. (Um silêncio). Mas sinto passos agora... Uns passos muito leves...

PULQUÉRIA, em voz trémula — Será algum bandido que vem atentar contra o nosso pudor? Isto, nas grandes cidades...

OS PASSOS — Tic... Tic... Tic... Tic...

AUGUSTA, tôda num arrepio — Aí tornam os passos... Aproximam-se... Mas eu sinto não sei o quê a andar aqui na cama. (Estende a mão e logo a retira, com um grito): Ai! que coisa tão peluda! Por quem é, acenda a luz! (Pulquéria, a tiritar, carrega na pera.

Faz-se a luz. Um grande rato salta do leito e foge a esconder-se num canto).

PULQUÉRIA — É um rato! Que horror! (Salta também ao soalho e, sem mesmo atentar na sua «toilette» suma-



síssima, corre a abrir a porta, gritando para fora: — Olá! Venha alguém! (Aparece um criado).

O CRIADO — Vossa excelência chamou?

PULQUÉRIA, indignadíssima — Então, afiançaram-me que este quarto era sossegadíssimo, e anda aqui uma ratazana enorme!

O CRIADO, em cujas feições se pinta um grande assombro — Uma ratazana! (Fica meio minuto boquiaberto. De súbito, corre para o patamar, debruça-se sobre a cozinha, e grita: — Salta gato a dois para o n.º 13!...

Dr. MADURO.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: — Companhia Lucília Simões-Eurico Braga — O Aldrabão.

Rivoli: — Companhia Azucena Maizani.

Águia d'Ouro: — Cinema: Anny no Paraíso.

Olimpia: — Cinema: Os amores duma Diva.

Trindade: — Cinema: O Tenente Sedutor.

Batalha: — Cinema: O Rei da Graxa.

AUTO OMNIA, L. da

Praça da Liberdade, 37—PORTO

Agência dos Automóveis
PANHARD & LEVASSOR

Amortecedores hidráulicos **Houdaille**

Baterias **Monaplaque**

Travões hidráulicos **Lockheed**

Rolamentos **Timkens**

Pneumáticos **Royal**

Cintas para travões **Manville**

Esmaltes e Vernizes **Robbialac**

O melhor sortido de
acessórios para
o automobilismo

CHAMPION

Mesmo que o automóvel de V. Ex.^a
lhe esteja dando satisfação, esta não
será completa se não estiver ainda
usando as velas

CHAMPION

A CHAMPION é a única vela do mundo
que tem o isolador em SILIMANITE e
é também a vela preferida em todas
as grandes provas do automobilismo,
do motociclismo e da aviação.

Pedidos aos representantes exclusivos:

C. SANTOS, Limitada

Rua do Crucifixo, 57 — LISBOA

Ou ao seu agente:

L. ROCHA PEREIRA

Travessa da Praça da Liberdade, 18 — PORTO

(Edifício da NACIONAL)